

ANTROPOLOGIA E POLÍTICAS GENEALÓGICAS

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

NO SUDOESTE DA MAURITÂNIA

Francisco Freire

INTRODUÇÃO

Na atual República Islâmica da Mauritânia, no cruzamento de complexas tradições históricas e estruturas étnicas plurais, encontramos Hemeila, uma personagem feminina da segunda metade do século XVII que continua a ser considerada em várias tradições locais. Esta personagem, ligada a diferentes fórmulas «tribais» de reprodução genealógica, permite-nos observar o intrincado trabalho desenvolvido em torno da definição histórica de diversos grupos hoje estabelecidos no sudoeste da Mauritânia. Para além disso, este texto reflete também sobre a forma de produção de conhecimento antropológico, ligado neste caso a uma imersão prolongada no terreno e à apresentação crítica de dados como experiência diretamente partilhada entre o investigador e os seus interlocutores.

Durante o meu trabalho de campo na República Islâmica da Mauritânia (2002-2018), e perifericamente à investigação que então desenvolvia, fui diversas vezes confrontado com o nome «Hemeila» (um nome não árabe, desconhecido fora deste contexto particular). Era constantemente estabelecida uma associação entre a minha nacionalidade portuguesa e uma ancestral figura feminina que continuava a ser incluída nas tradições genealógicas de diferentes grupos sociais do sudoeste da Mauritânia, onde é sempre reconhecida como *naḡrānīa* («nazarena»/cristã). Ser português na Mauritânia, nos contextos sociais em que eu trabalhava, espoletava frequentemente narrativas que cruzavam personagens locais com uma remota

RESUMO

Na atual Mauritânia, no cruzamento de complexas tradições históricas e estruturas étnicas plurais, encontramos Hemeila, uma personagem feminina da segunda metade do século XVII que continua até hoje a ser considerada em várias tradições locais. Esta personagem permite-nos observar os processos desenvolvidos em torno da definição histórica e identitária de diversos grupos hoje estabelecidos no sudoeste da Mauritânia. Para além disso, reflete-se também neste texto sobre a forma de produção de conhecimento antropológico, ligado neste caso a uma imersão prolongada no terreno e à apresentação crítica de dados como uma experiência diretamente partilhada entre o investigador e os seus interlocutores.

Palavras-chave: Sara, Mauritânia, antropologia, genealogia.

ABSTRACT

ANTHROPOLOGY AND GENEALOGICAL POLITICS: RESEARCH NOTES FROM SOUTHWESTERN MAURITANIA

In Mauritania, a country with complex historical traditions and plural



ethnic structures, Hemeila is a female character from the second half of the 17th century who is still present in various local traditions. I will use this character to examine the historical definition of the different groups currently living in southwestern Mauritania. Additionally, this text reflects on the production of anthropological knowledge. In this case, tied to prolonged immersion in the field and the critical presentation of data as an experience that is directly shared between the researcher and his interlocutors.

Keywords: Sahara, Mauritania, anthropology, genealogy.

presença *naçrāni*, ibérica, ou mesmo portuguesa na região. O nome Hemeila, em particular, era insistentemente repetido. Inicialmente indiferente ao que tomava como meros gestos de simpatia e afeto, o facto de Hemeila me ser sempre destacada, fez com que o seu percurso passasse a ser incluído enquanto objeto de estudo. Pensei então registar as fórmulas genealógicas que lhe estavam associadas e a ordenar o tipo de memórias atualmente associadas a esta personagem, fazendo uso da filiação que me era reconhecida no terreno, e que me colocava numa relação de privilegiada proximidade com esta mulher e os seus/suas descendentes.

Por outro lado, Hemeila tornou-se também um dos elementos que de forma mais valiosa me permitia interligar grupos que antes observara separadamente, facilitando uma análise das categorias operatórias intertribais. As ideias partilhadas sobre Hemeila possibilitavam-me questionar diversos mecanismos desenvolvidos entre diferentes grupos do sudoeste da atual Maurítânia, área reconhecida como verdadeiro *carrefour* civilizacional, onde se cruzam elementos filiatórios de origem árabe, «berbere», populações Wolof e Haalpulaar, mas também, para minha surpresa, personagens cristãs/europeias na tessitura sociocultural da região.

Em termos de contributos teóricos, esta reflexão consigna particular atenção à posicionalidade do investigador, à maleabilidade da fórmula constitutiva de um objeto de estudo, e à importância da agência dos interlocutores associados a uma pesquisa etnográfica. Neste caso, a posicionalidade do investigador teve um papel decisivo no tipo de investigação conduzida e reinventada no terreno através da partilha com os seus interlocutores, levando a descobertas jamais antecipadas sobre o tipo de dados obtidos. O objeto de estudo deste trabalho foi abertamente debatido com os participantes nesta investigação, tendo o investigador, muitas vezes, de moldar as suas premissas iniciais a fórmulas mais flexíveis, em que se incluíam inputs diretamente propostos a partir do terreno e das relações aí estabelecidas. A agência dos atores deste trabalho de investigação revelou-se, neste caso, como outro dos aspectos fundamentais da pesquisa. Como veremos, os meus interlocutores guiaram e discutiram os resultados obtidos, vistos em alguns casos como um processo de redescoberta e revalorização de uma antepassada fundacional, hoje tida como uma figura decisiva – pelo seu exemplo – nos atuais discursos de género desenvolvidos por populações do sudoeste da atual Maurítânia.

Antes de me centrar efetivamente em Hemeila, interessa refletir sobre a sua ascendência, um elemento central na compreensão do papel que hoje continua a ser-lhe atribuído.

VIAGEM, COMÉRCIO E POLÍTICA GENEALÓGICA

De forma introdutória, considere-se uma das versões da narrativa fundacional da *qabīla* (tribo) Idau al-Hājj, onde Hemeila nasceu:

Al-Amīn ūld Najib ūld Xams al-Dīn, descendente de um dos fundadores da cidade de Ouadane, criado em meio *zuāīā* [religioso/culto], parte para Marrocos com o objetivo de comprar livros. Em Marrocos trabalha para a casa real, sendo daí enviado à Europa para comprar papel.

Nessa viagem, al-Amīn desloca-se a Portugal, onde, durante uma refeição, é envenenado. Apercebendo-se do que se estava a passar, toma um antídoto que a sua mãe lhe havia preparado para situações como esta: pó de goma-arábica. Os seus anfitriões, ao aperceberem-se que ele se tinha salvo, perguntam como é que ele tinha conseguido resistir ao veneno. Al-Amīn revela que tomou algo que a sua mãe lhe havia dado para situações deste tipo. Os portugueses perguntam-lhe onde encontrar esse produto. Al-Amīn diz-se indisponível para os guiar, uma vez que estava em missão para os marroquinos, mas decide ajudar os portugueses escrevendo uma carta que estes deveriam apresentar ao seu irmão mais velho, Atjfgħa Aūbak, junto à foz do rio Senegal.

Os portugueses começaram então a enviar os seus barcos, estabelecendo relações com os Idau al-Hājj. Estes tornaram-se nos seus principais interlocutores comerciais, responsáveis por reunir a goma-arábica depois vendida nas margens do rio Senegal, ou trocada por tecidos, armas, espelhos...

Quando envelheceu, Atjfgħa Aūbak emigrou para Ouadane, e nessa altura os filhos de al-Amīn reivindicam ser de seu direito o monopólio do comércio com os portugueses. Atjfgħa escreveu então aos seus filhos para que estes concedessem o controlo do comércio aos filhos de al-Amīn, que assim se converteram nos chefes tribais dos Idau al-Hājj¹.

A narrativa fundacional Idau al-Hājj baseia-se na figura de al-Amīn ūld Najib, o viajante que nunca regressou ao Sara, mas que é ainda assim identificado como o precursor das trocas comerciais da sua *qabīla* com agentes europeus – elemento central na prosperidade económica até hoje reconhecida a este grupo (Webb, 1995). A compreensão genealógica de al-Amīn é bastante linear, não se afastando dos elementos encontrados na tradição oral em epígrafe. Al-Amīn não voltou, «perdendo-se» algures em Marrocos, nos entrepostos europeus no litoral marroquino, para lá de Marrocos, em Gibraltar, na Península Ibérica, ou, na versão atualmente mais banalizada (politicamente inócua e socialmente respeitável), durante a peregrinação a Meca. É também um dado unânime que foi al-Amīn quem acordou o início do comércio da goma-arábica com comerciantes europeus, delegando no seu irmão Atjfgħa Aūbak a gestão dessas operações, desenvolvidas nas margens do rio Senegal.

É igualmente aceite, em todas as versões, que al-Amīn gerou descendência. Em algumas tradições orais ele é pai de apenas um rapaz, Mukhtār; noutras propostas, mais disse-

minadas, al-Amīn teve, isso sim, dois ou mesmo três filhos: Maham, Mukhtār, e Ahmad Meilud.

Contrariamente ao «glorioso» enquadramento hoje desenvolvido quanto à viagem de al-Amīn ūld Najib, o seu filho Maham – pai de Hemeila – não herda nenhum dos seus méritos. Se em documentos mais antigos Maham é assinalado como o primogénito de al-Amīn – o impulsionador da aventura comercial transcontinental da *qabīla* –, a atual chefia tribal, ligada à fração Aūlād Mukhtār, defende possibilidades genealógicas contraditórias para esta descendência. Existem propostas que simplesmente apagam Maham dos quadros genealógicos, outras que, embora o designem, lhe negam qualquer destaque. Algumas das genealogias mais recentes que enunciam o nome dos líderes da *qabīla*, por exemplo, não inscrevem o nome de Maham. A memória desta personagem, distanciando-se de qualquer valorização ou inscrição documental, preserva-se hoje quase exclusivamente na tradição oral.

Os quadros genealógicos apresentados na forma escrita parecem trabalhar planos distintos dos da oralidade. A inscrição caligráfica, onde mais facilmente se sedimentará uma narrativa ambicionada como definitiva, tende a desautorizar os labirintos onde a oralidade complexifica, ao extremo, as possibilidades de inscrição desta personagem. E, nestes casos, Maham é quase sempre conhecido como «o tradutor entre os Idau al-Hājj e os comerciantes europeus». Num quadro atual de acentuada «depuração» genealógica, o apagamento de Maham «o tradutor» ūld al-Amīn, surge-nos quase como inevitável, eliminando-o da liderança do grupo e, porventura mais importante do que isso, apagando as suas (oralmente ainda reconhecidas) ligações com europeus. Verifica-se também que é junto da atual chefia Idau al-Hājj que se opera uma maior ocultação de Maham. Para esta, o primogénito de al-Amīn é Mukhtār, e Maham, quando referido, é apenas incluído como um dos seus irmãos mais novos. De facto, os quadros genealógicos exibidos transformam Maham ūld al-Amīn numa figura apagada, ou mesmo

NOTE-SE COMO, HÁ MUITO, O OLHAR ANTROPOLÓGICO ESTABELECEU AS NARRATIVAS GENEALÓGICAS ESCRITAS COMO DOCUMENTOS DE TEOR SOBRETUDO POLÍTICO.

num «homem sem qualidades», conforme se lê numa das genealogias atualmente mais valorizadas, datada da década de setenta do século XX. Note-se como, há muito, o olhar antropológico estabeleceu as narrativas genealógicas escritas

como documentos de teor sobretudo político: «as genealogias que são escritas são provavelmente as mais espúrias de todas»².

Como vimos, entre os Idau al-Hājj não persistem dúvidas quanto à viagem de al-Amīn e aos resultados obtidos através dela. Mas, descendendo genealógicamente, parece abrir-se um espaço competitivo onde diversas personagens almejam um lugar de destaque no seio da *qabīla*, evidenciando-se algumas delas, outras desaparecendo. A defesa de Mukhtār como primogénito do patriarca al-Amīn – muito embora a existência de versões credíveis que a contrariam – demonstra o teor eminentemente político desta tese,

desconsiderada enquanto mera linhagem. A negação da primogenia de Maham retira-o do quadro que atualmente legitima e nobilita a *qabīla*, aí incluindo uma outra personagem e respetiva descendência: Mukhtār e os Aūlād Mukhtār. Assim, a maleabilidade da argumentação genealógica parece ser a fórmula mais adequada para descrever a operacionalidade deste modelo de definição social e histórica: «A genealogia cuidadosamente delineada é e foi um documento político sujeito às revisões e vicissitudes comuns a todos os documentos desse tipo» (Lindner, 1982, p. 710; ver também Shryock, 1997).

A «amnésia genealógica» a que Maham «o tradutor» está sujeito, e o progressivo destaque de Mukhtār – e da fração tribal epónima –, transformam este no primogénito de al-Amīn e no legítimo herdeiro da prosperidade da *qabīla*. Mukhtār ūld al-Amīn, sobre quem não recaem quaisquer ambiguidades genealógicas, quaisquer rumores, mas tão-pouco quaisquer memórias que efetivamente o distingam, é a personagem «normalizada», despida de complexidade narrativa. A atual chefia Idau al-Hājj nunca destaca o papel de Maham como tradutor entre a *qabīla* e os seus interlocutores europeus, nem tão-pouco lhe é reconhecida qualquer descendência para além de Hemeila. Não é igualmente explicada a forma como o pai de Hemeila se terá aproximado dos *naḡāra* junto dos quais trabalharia, como se terá tornado tradutor, junto de quem, ou onde, terá aprendido as línguas estrangeiras que dominaria.

Estes elementos mostram «esquecimentos» dificilmente justificáveis e operações apenas iluminadas à luz de movimentações de ordem eminentemente política. Esta teia genealógica inicia-se sempre, contudo, na viagem de al-Amīn e nos contactos euro-sarianos que este estabeleceu. A intransigente defesa de uma impoluta patrilinhagem liga-se hoje, mais facilmente, à figura de Mukhtār ūld al-Amīn, sobre quem não recaem argumentos que o aproximem de uma relação (possivelmente «promíscua») com não muçulmanos.

ESTES ELEMENTOS MOSTRAM «ESQUECIMENTOS»
DIFICILMENTE JUSTIFICÁVEIS E OPERAÇÕES
APENAS ILUMINADAS À LUZ DE MOVIMENTAÇÕES
DE ORDEM EMINENTEMENTE POLÍTICA.

Esta versão «depurada» da história da *qabīla* surge, no entanto, fragilizada pelo facto de a descendência de Maham ser reconhecida em universos vizinhos, e particularmente entre a *qabīla* Aūlād Daimān, confederação que partilha um território contíguo ao dos Idau al-Hājj. E, neste caso, Maham é identificado através da sua filha Hemeila, a mulher de origem Idau al-Hājj, de nome estranho (nunca depois dela repetido), que casou no seio deste grupo. Aqui, Hemeila é sempre nomeada como «Hemeila mint [filha de] Maham mint al-Amīn ibn Najib». Neste contexto, Hemeila continua a ser apresentada como uma mulher marcante, bastante mais conhecida do que o seu pai. Este, na verdade, destaca-se apenas por ser «o pai de Hemeila».

Mas, de forma a completar a ascendência de Hemeila, interessa ainda integrar 'Aguiga meen Barmī, a mulher geralmente reconhecida como mãe de Hemeila (muito embora entre os Idau al-Hājj este nome não seja hoje em dia reconhecido).

'AGUIGA MEEN BARMÍ, IA NAÇRĀNĪA

'Aguiga meen Barmí, a esposa de Maham ūld al-Amīn ūld Najīb, é sempre declarada como naçrānīa nas tradições orais dos Aūlād Daimān. O *al-Ansab al-Aūlād Daimān* (uma respeitada carta genealógica das populações do sudoeste da Mauritânia), diz-nos claramente que a mulher de Maham era «'Aguiga mint Barmí, uma espanhola ou portuguesa».

Esta é a tese atualmente defendida nos grupos que aceitaram Hemeila em casamento, mas nunca o é, como assinalei, entre os Idau al-Hājj. Entre esses interlocutores, a investigação que eu desenvolvia deveria centrar-se sobretudo nos Aūlād Daimān. O facto de Hemeila ter aí casado deveria justificar o maior conhecimento que nesse universo se teria também de 'Aguiga, afastando-se assim os Idau al-Hājj desta estranha teia genealógica.

'Aguiga meen Barmí poderá integrar-se no posicionamento antes proposto relativamente ao apagamento genealógico de Maham. Os discursos atualmente apresentados não valorizam qualquer relação com personagens europeias. A indiscutível ligação entre os Idau al-Hājj e agentes comerciais europeus é sempre veiculada com algum recato, expressando sobretudo a dinâmica comercial e a força económica do grupo. A sua gesta comercial não associa nenhuma das personagens da *qabila* a interlocutores europeus claramente identificados. Esta declaração reforça uma imagem na qual, nos limites ocidentais do Sara, uma população enriquece desmesuradamente «à custa» dos europeus, que parecem aqui manipulados pela argúcia comercial dos Idau al-Hājj. Quanto aos aspectos mais «íntimos» desta relação, que muito possivelmente terão existido, estes nunca foram partilhados comigo.

Sem outras indicações, que não a generalização de que 'Aguiga seria uma naçrānīa, importa trabalhar as possibilidades etimológicas deste nome: «'Aguiga meen Barmí». E, neste caso, muito embora a ênfase na defesa de uma genealogia naçrānī, não é esta a única direção que o nome pode tomar.

O nome próprio «'Aguiga» tem uma rara utilização na Mauritânia, muito embora seja um substantivo conhecido em árabe clássico. Deve, contudo, assinalar-se que a *'aqīqa* é reconhecida como uma valiosa pedra preciosa importada para o litoral sariano pelo comércio europeu desde o século XVI. Esta pedra surge referida, por exemplo, no *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira, e é incluída em diversas listagens do início do século XVI. O manuscrito de Valentim Fernandes (fólio 66) aponta-a como um dos produtos trocados em Arguim: «As mercadorias que os Portugueses la tem [em Arguim] som ... coral vermelho em contas redondas, alaquecas valem muyto». Vitorino Magalhães Godinho, também neste sentido, destaca as «alaquecas» entre os produtos mais valiosos transacionados desde Arguim: «As mercadorias de mais-valia [transacionadas em Arguim] são o trigo, a prata e as alaquecas» (Magalhães Godinho, 2008, p. 333). Pierre de Cénival e Théodore Monod (Cénival & Monod, 1938), trabalhando também a partir de Valentim Fernandes, afirmam tratar-se de uma pedra preciosa vermelha, «semelhante à granada», com confirmadas propriedades medicinais (coincidindo com a percepção

que na atual Mauritânia se tem deste mineral) (*Ibidem*, pp. 141-142). A 'aguiga, hoje incluída no fabrico de colares e outros ornamentos, é também conhecida como «pedra da sorte», podendo ser colocada, por exemplo, debaixo da língua antes de iniciar uma discussão importante.

Quanto ao nome «Barmi», surgem-nos duas hipóteses: a primeira ligada ao universo Wolof; uma segunda que associa aquele nome ao interior sariano e às populações Tuareg. A ligação aos Wolof é exposta, entre outros, por Jean Boulègue: «cada um desses reinos [Wolof] deveria pertencer simultaneamente ao *geño* real e a um dos *meen* reais, chamados *garmi*» (Boulègue, 1987, p. 58). A *meen garmi*, linhagem nobre matrilinear, possibilitaria assim uma ousada aproximação entre 'Aguiga meen Barmi e «'Aguiga meen Garmi». A segunda hipótese permite considerar uma pista a leste, associada ao interior sariano, à região de Baguirmi (atual Chade) e aos Barmi/Barma. Na *Tarikh El-Fettach* evidencia-se esta aproximação: «Barma é o nome geralmente dado em árabe aos habitantes de Baguirmi e a esse país» (Kati, 1964, p. 194).

Estas possibilidades, mais do que declarar uma certeza etimológica, desejam expor 'Aguiga a universos não europeus, acentuando a relevância do seu presente enquadramento identitário, esmagadoramente associado a um passado *naḡrāni* (sendo que qualquer uma das hipóteses acima apontadas é conciliável com a história dos Idau al-Hājj). Ressaltam desta leitura dois elementos: o facto de a mãe de Hemeila revelar uma situação genealógica bastante obscura, remetida nas atuais tradições para um universo ibérico/cristão; e o facto de o seu pai, Maham «o tradutor» ūld al-Amīn ūld Najib, ter sido praticamente apagado, ou negativamente destacado, nos quadros genealógicos atualmente veiculados pela sua própria *qabīla*.

QUEM É HEMEILA?

Situada cronologicamente no terceiro quartel do século XVII, Hemeila foi-me sempre descrita de forma elogiosa, assinalando-se o relevo que socialmente ainda a define. Todos os meus interlocutores lhe reconhecem uma dimensão marcante, «uma mulher especial», pela sua fortuna pessoal, pela sua inteligência e carácter determinado. Quer entre os Idau al-Hājj – o seu universo de origem –, quer no seio dos Aūlād Daimān – onde casou –, as opiniões, para além de serem ainda bastante vivas, partilham sempre os méritos e o valor desta personagem. Esta verdadeira «princesa» é, também, tida como um exemplo mais que perfeito das qualidades femininas atualmente idealizadas. A sua defesa da monogamia, por exemplo, ao não aceitar um segundo casamento do seu marido, é até hoje outro elemento marcante.

Hemeila é ainda considerada como uma figura significativa devido à ajuda que prestou aquando da guerra de Xarubba, estruturante para grande parte das populações do sudoeste da Mauritânia – e fundamental no entendimento do conceito de *jihad* em África (Curtin, 1971). O seu filho, al-Vālli, terá sido um dos principais comandantes dessa guerra, e continua a defender-se que foi graças à intervenção de Hemeila que os seus

familiares Idau al-Hājj, respondendo a uma solicitação do seu «sobrinho», aceitaram, no final da guerra, acolher inúmeros órfãos destas campanhas.

É unanimemente reconhecido que Hemeila, uma mulher nascida nos Idau al-Hājj, casou fora da *qabīla*. Hemeila, «filha» dos Idau al-Hājj, casou com al-Kouri ūld Sid al-Vālli (Aūlād Daimān), e é mãe de al-Vālli ūld al-Kouri ūld Sid al-Vālli. São estes os elementos partilhados entre os universos sociais Idau al-Hājj e Aūlād Daimān que continuam a enquadrar Hemeila.

Face ao sempre declarado prestígio da personagem, surpreende o facto de não lhe corresponder uma filiação clara. O seu pai e a sua mãe confundem-se, como vimos, entre diversas hipóteses, quer no grupo que a acolheu em casamento, quer entre os Idau al-Hājj. Quaisquer que sejam as teses propostas, a sua linhagem materna não é «genealogizável», surgindo impreterivelmente uma complexa identidade *naḡrāni* como única possibilidade de enquadramento. «A linhagem materna não é relevante», é uma frase que me foi repetida por alguns interlocutores, em oposição à preponderância (atual) da genealogia paterna. Mas esta era uma hipótese difícil de conciliar com o facto de a própria Hemeila continuar a ser reconhecida como uma personagem eminente.

Todos os documentos Idau al-Hājj consultados (escritos e oralmente recolhidos) identificam Hemeila como sua «filha», afirmando também que o seu avô é seguramente al-Amīn ūld Najīb. Se entre os Aūlād Daimān – a *qabīla* que acolheu Hemeila em casamento e onde ela se divorciou (tendo regressado então para os Idau al-Hājj, viajando provavelmente para a margem senegalesa do rio) – se poderá entender algum desconhecimento quanto aos ascendentes desta mulher, entre os Idau al-Hājj esta questão é

ESTE DADO CONSTITUIRÁ UMA PROVA DO INTERESSE DO GRUPO NA PRESERVAÇÃO DESTAS PERSONAGENS, AO CONTRÁRIO DE OUTRAS, BASTANTE MAIS RECENTES, E IGUALMENTE COM UM PAPEL DESTACADO NA HISTÓRIA DA *QABĪLA*, QUE NÃO TÊM UMA SEPULTURA CONSAGRADA NESTE ESPAÇO.

dificilmente compreensível. Paradoxalmente, os Idau al-Hājj continuam também a enaltecer Hemeila e a destacar o seu casamento com al-Kouri ūld Sid al-Vālli, formalizando uma reconhecida amizade entre ambas as *qabā'il*.

Assim, muito embora Hemeila seja sempre prezada, tanto na *qabīla* de onde saiu para

casar, como no grupo que a recebeu, encontramos também aqui incoerências nas propostas que a inscrevem genealógicamente.

UM CEMITÉRIO NA GIBLA

Procurando completar a discussão em torno de Hemeila, decidi visitar o cemitério (*maqbar*) de Tindalah, o mais importante e mais antigo cemitério dos Idau al-Hājj. De forma algo surpreendente, Hemeila e Maham encontram-se sepultados lado a lado, num local privilegiado do cemitério, e com as suas lápides bem assinaladas, muito embora os séculos passados desde a sua morte. Este dado constituirá uma prova do interesse do grupo na preservação destas personagens, ao contrário de outras, bastante

mais recentes, e igualmente com um papel destacado na história da *qabīla*, que não têm uma sepultura consagrada neste espaço.

Contudo, na lápide de Maham lê-se, «Maham ibn Mukhtār». E assim, a figura sepultada ao lado de Hemeila em Tindalah, será, não o seu pai, mas o seu primo paralelo patrilateral. Quer entre os Aūlād Daimān, quer entre os Idau al-Hājj, não se reconhece qualquer casamento de Hemeila posterior à aliança matrimonial com al-Kouri ūld Sid al-Vālli.

De volta a Nouakchott (outubro de 2007), confronto um dos meus interlocutores Idau al-Hājj, Xaīkh Ahmad, com as minhas descobertas no cemitério. Foi para mim uma surpresa encontrar sem dificuldade a lápide de Hemeila, num cemitério onde grande parte das mais antigas sepulturas não é já identificável. No entanto, existem diferenças significativas entre a lápide que celebra Hemeila e a de Maham, a seu lado. A personalidade feminina tem uma inscrição recente, escrita sobre cimento, enquanto a de Maham se apaga já sobre uma pedra centenária. Xaīkh Ahmad sabe perfeitamente ao que me refiro, precisando que na *qabīla* se repete que as primeiras personagens enterradas em Tindalah serão «Maham al-Kabir» («Maham ūld Mukhtār ūld al-Amīn», clarifica) e Hemeila. Quanto à recente lápide de Hemeila, afirma que esta terá sido refeita há alguns anos pelo antigo imame de Zamzam, a aldeia mais próxima deste cemitério. Ter-se-á tratado apenas de uma banal reparação, necessária após um período particularmente chuvoso que terá destruído algumas lápides. Continuando a refletir sobre estas personagens, pergunto onde afinal se encontra sepultado Mukhtār ūld al-Amīn, epónimo da atual liderança do grupo, não tendo conseguido localizar a sua lápide em Tindalah. A resposta, algo surpreendente, complica a narrativa atualmente mais valorizada entre os Aūlād Mukhtār: «Não se sabe... ninguém sabe...».

Existem, naturalmente, muitas e muito importantes personagens sarianas desaparecidas, vítimas dos árduos percursos nómadas até há pouco realizados, de doença, acidentes, rixas ou batalhas (Taylor, 1995). No entanto, o processo memorial associado aos patriarcas fundacionais é geralmente reinventado, e amiúde «santificado» com sinalização própria num espaço fúnebre. Contudo, este tipo de processo não se verifica no caso do patriarca dos Aūlād Mukhtār, nem com al-Amīn, ou com o seu pai, Najib. Em Nouakchott, rapidamente encontro o autor da inscrição fúnebre de Hemeila no cemitério de Tindalah. Procurando discernir quem repousava, efetivamente, na sepultura ao lado de Hemeila, interrogo Ahmad al-Karim al-Zaiad sobre as duas lápides. Este interlocutor confirma que há cerca de vinte anos refez de facto a lápide que assinala a sepultura de Hemeila, «copiando escrupulosamente os dados indicados na original». Afirma que Hemeila e Maham estarão entre as personagens mais antigas de Tindalah. Diz-me também que atualmente existe uma enorme confusão em torno do nome «Maham», que surge associado a dois homens: «o pai de Hemeila é Maham ūld al-Amīn ūld Najib; o “vizinho” de Hemeila em Tindalah é Maham ūld Mukhtār, seu primo paterno». Em sua opinião, Hemeila apenas se casou uma vez, com al-Kouri ūld Sid al-Vālli; Maham ūld al-Amīn é o pai de Hemeila; Maham ūld Mukhtār é o primo paralelo patrilateral de Hemeila.

CONCLUSÃO: HEMEILA REENCONTRADA

O ETNÓLOGO É BEM O ÚNICO A ENTREGAR-SE À BUSCA DESINTERESSADA DE TODOS OS ITINERÁRIOS POSSÍVEIS ENTRE DOIS PONTOS DO ESPAÇO GENEALÓGICO.

Pierre Bourdieu, *Esboço de uma teoria da prática*

É verdade que em todas as hipóteses genealógicas expostas pelos Idau al-Hājī se inclui a vocação comercial da *qabīla* e, na esmagadora maioria das vezes, a declaração de uma longa e profícua colaboração com europeus (que se mantém até ao período colonial, no início do século XX). Se é verdade que esta *qabīla* se corresponde com os «mais próprios» quadros genealógicos, ideológicos e religiosos – ligação ao *nasab* profético, associação à região de Adrar (berço de grande parte das populações falantes de *Has-saniyya* [Taine-Cheikh, 1994] hoje estabelecidas no sudoeste da Mauritânia), inata vocação comercial – é também verdade que se aceita a proximidade com comerciantes europeus como uma *mais-valia* abertamente defendida... Conquanto este encontro não toque no foro íntimo das chefias do grupo, o que arriscaria «corromper» o exemplar enquadramento local dos Idau al-Hājī.

«O comércio não implica as mesmas solidariedades ou obrigações que a comunhão. Pelo contrário, o comércio diferencia as partes envolvidas, define-as em termos de interesses separados e opostos, embora também complementares», escreveu Sahlins (2004, p. 38) sobre os cruzamentos entre cultura local e historicidade nas ilhas Sandwich. Este excerto ilustra exemplarmente as ambiguidades inerentes a uma relação comercial, perfeitamente enquadrado no modelo apresentado pelos Idau al-Hājī. Na verdade, o tipo de relacionamento sugerido entre a *qabīla* e os seus parceiros europeus deve resumir-se a uma relação estritamente comercial. No entanto, o encontro com europeus desencadeou, sem dúvida, debates profundos dentro da *qabīla*, e terá balizado o tipo de relações estabelecidas com comunidades vizinhas.

Será esta uma das conclusões a retirar do debate encetado com a visita ao cemitério de Tindalah, onde se prova o apagamento de algumas das personagens mais importantes do inicial trato euro-sariano. Como há muito notado em antropologia – e como confirmado na discussão aqui exposta –, a definição de fórmulas identitárias comporta o seu permanente rearranjo³.

As relações aqui expostas evidenciam a consolidação de estruturas onde a arabidade, e alguns dos seus temas paradigmáticos, se discutem e, quase sempre, se impõem. O longo processo de arabização do ocidente sariano (Norris, 1986) é claramente observado nestas tradições, como se comprova nas fórmulas escolhidas para a apresentação genealógica (patriarcal) dos grupos, ou nas políticas de aliança hoje mais valorizadas. A reflexão sobre a minha prática antropológica no Sara, aqui retomada duas décadas após o início do meu trabalho na região, prova que os dados que venho recolhendo derivam diretamente das formas de interlocução geradas *in situ*. Como indicado no

início deste texto, fui praticamente forçado a trabalhar sobre Hemeila, de tal forma se fazia localmente a minha identificação com esta personagem. Foram, na verdade, os meus interlocutores na Mauritânia a gerar grande parte da reflexão aqui apresentada, ainda que posteriormente organizada de acordo com o meu cânone académico e discutida à luz da significativa literatura especializada. Sabemos que a antropologia, muito em particular, convoca mecanismos analíticos intimamente ligados aos interlocutores selecionados, e à identidade reconhecida ao investigador no terreno (Gupta, 2014).

Alguns dias após a minha visita ao cemitério de Tindalah entendo a dimensão do meu achado. Sou acochado por inúmeras mulheres, na maior parte dos casos minhas absolutas desconhecidas, que me perguntavam se eu tinha de facto visto a sepultura de Hemeila? Era verdade o que se contava na aldeia? Onde se encontra essa sepultura? Como era? Em que estado se encontra?

Eu havia mantido o tema reservado, mas o comentário do meu mais próximo colaborador no terreno acabou por divulgar a minha descoberta. Eu não estava ciente do alcance da minha visita ao cemitério e da sua repercussão, nomeadamente entre as mulheres Aūlād Daimān, suas descendentes diretas. Eu estava sobretudo centrado no contexto Idau al-Hājj, pensando sobre os iniciais contactos euro-sarianos, sobre os modelos complexos gerados a partir de trocas comerciais, e na forma como os encontros euro-sarianos eram atualmente valorizados e/ou encobertos.

Nunca imaginei que esta investigação viesse a despertar tanta curiosidade junto dos/das descendentes de Hemeila, mas havia uma justificação plausível para tal acontecer. Até então, entre os Aūlād Daimān não se sabia onde estava sepultada a «mãe» de grande parte da qabila. Aceitando-se geralmente que esta estivesse sepultada algures na margem sul do rio Senegal, «para onde», dizia-se, «teria partido depois do fim do casamento com al-Kouri». A descoberta da sua sepultura, a apenas cinquenta quilómetros da atual aldeia Aūlād Daimān, invertia todas as ideias existentes quanto ao que se havia passado com esta mulher.

Se os Idau al-Hājj, «pais» de Hemeila, assinalam a sua sepultura no seu cemitério mais representativo, entre os Aūlād Daimān não se sabia onde estava sepultada Hemeila antes de o antropólogo a buscar, encontrar e trabalhar todos os núcleos genealógicos que ainda a referem. Na aldeia, no momento em que preparo o meu regresso a Nouakchott, constato que se organizam agora visitas à sepultura da «mãe» que julgavam desaparecida para sempre, e que havia agora sido redescoberta pelo antropólogo português, carinhosamente tratado de «tio materno»⁴. *Ri*

Data de receção: 15 de maio de 2025 | Data de aprovação: 12 de agosto de 2025

Francisco Freire Investigador no CRIA (NOVA FCSH) e professor auxiliar no Departamento de Antropologia da NOVA FCSH. Doutor em Antropologia, foi investigador principal do projeto CAPSAHARA: Critical Approaches to Politics, Social Activism and Islamic Militancy in the Western Saharan Region (ERC-2016-STG-716467). Desde 2021 que o seu trabalho se foca na

República Islâmica da Mauritânia, centrando-se na análise dos usos políticos do islão e nos processos de reconfiguração histórica e identitária da população falante de Hassaniyya do ocidente sariano.

> NOVA FCSH, Av. de Berna, 26 C, Gabinete A402, 1069-061 Lisboa, Portugal | freire.francisco@fcs.unl.pt | <https://orcid.org/0000-0002-6653-8669>

NOTAS

¹ Entrevista com Ahmad ūd Sidi Muhammad (Zamzam, Mauritânia, 10 de outubro de 2004). Em Freire (2013, p. 843).

² I. M. Lewis citado em Goody (1981, p. 274). Todas as traduções do inglês são da responsabilidade do autor.

³ «Tribal identity, as with ethnic and national identity, is an imagined identity based on continually revised conceptions of history and tradition in the context of contemporary circumstances» (Beck, 1990, pp. 187-188).

⁴ Excerto do caderno de campo, citado em Freire (2013, p. 198).

BIBLIOGRAFIA

Austen, R. A. (2010). *Trans-Saharan Africa in world history*. Oxford University Press.

Beck, L. (1990). Tribes and state in nineteenth and twentieth century Iran. In P. S. Khoury & J. Kostiner (Eds.), *Tribes and state in the Middle East* (pp. 185-225). University of California Press.

Boulègue, J. (1987). *Le Grand Jolof. XIII-XVIe siècle*. Karthala.

Cénival, P. de, & Monod, T. (Eds.). (1938). *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506-1507)*. Larose.

Curtin, P. D. (1971). Jihad in West Africa: Early phases and inter-relations in Mauritania and Senegal. *The Journal of African History*, 12(1), 11-24.

Foley, D., & Valenzuela, A. (2005). Critical ethnography: The politics of collaboration. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 217-234). Sage.

Freire, F. (2013). *Tribos, princesas e demónios: Etnografias do encontro pré-colonial no sudoeste da Mauritânia*. Colibri.

Goody, J. (Ed.). (1981). *Literacy in traditional societies* (versão original publicada em 1968). Cambridge University Press.

Gupta, A. (2014). Authorship, research assistants and the ethnographic field. *Ethnography*, 15(3), 394-400.

Kati, M. K. ben H. M. (1964). *Tarikh el-Fettach: Chronique du chercheur pour servir à l'histoire des villes, des armées et des principaux personnages du Tekroun* (versão original publicada em 1913). Maisonneuve.

Lindner, R. P. (1982). What was a nomadic tribe? *Comparative Studies in Society and History*, 24(4), 689-711.

Magalhães Godinho, V. (2008). *A expansão quatrocentista portuguesa* (versão original publicada em 1962). Dom Quixote.

Monod, T. (1983). *L'île d'Arguin (Mauritanie): Essai historique*. Centro de Estudos de Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica e Tropical.

Norris, H. T. (1986). *The Arab conquest of western Sahara*. Longman; Librairie du Liban.

Sahlins, M. D. (2004). *Historical metaphors and mythical realities: Structure in the early history of the Sandwich islands kingdom* (versão original publicada em 1981). The University of Michigan Press.

Shryock, A. (1997). *Nationalism and the genealogical imagination: Oral history and textual authority in tribal Jordan*. University of California Press.

Taine-Cheikh, C. (1994). Les langues comme enjeux identitaires. *Politique Africaine*, 55, 57-65.

Tapper, R. (1990). Anthropologists, historians, and tribespeople on tribe and state formation in the Middle East. In P. S. Khoury & J. Kostiner (Eds.), *Tribes and state formation in the Middle East* (pp. 48-73). University of California Press.

Taylor, R. (1995). Warriors, tributaries, blood money and political transformation in nineteenth-century Mauritania. *Journal of African History*, 36(3), 419-441.

Webb, J. L. A. (1995). The evolution of the Idaw al-Hajj commercial diaspora. *Cahiers d'Études Africaines*, 35(137), 455-475.